

“Negro racha os pés de tanto sapatear”: Coco, uma história de vida

*Mestra Ana do Coco
(Ana Lúcia Rodrigues do Nascimento)*

Transcrição e comentários: Zé Silva¹



Figura 1: Mestra Ana cantando o coco “Meu camaleão” no Jacumã Jazz Festival, 2018.
Foto: Thercles Silva.

¹ Zé Silva (José Hilton Adalberto da Silva Filho) é bisneto de Mestra Felina e neto de Mestra Ana Maria, mestras de coco de roda no sertão do Ceará e da Paraíba, respectivamente. Seu avô materno era cigano, seus tios cantavam coco de roda e aboiavam, e sua mãe é dançadeira de coco de roda. Atualmente integra o Grupo de Estudos Coco Acauã e o Coco de Roda e Ciranda do Mestre Zé Cutia (Jacumã). Graduado no curso de Licenciatura em História (UFPB) e mestrando em Música, cultura e Performance (UFPB). A transcrição foi feita em parceria com Gabriela Castro, graduanda em história, bolsista do projeto Saberes em Roda da UFPB e integrante do Grupos de Estudos Coco Acauã. hiltonad11@gmail.com

Introdução

Mestra Ana do Coco, nascida no Quilombo Ipiranga (Conde-PB) em 15/12/1962, é líder quilombola, poetisa, geógrafa, atriz e escritora. Filha de Mestra Dona Lenita e neta de Mestre Zé Pequeno. Aos 18 anos se interessou pela tradição do coco de roda, ajudando sua mãe a cantar coco e ensinando outras crianças do quilombo. Seu coco é o de umbigada, um estilo de coco de roda com influências dos povos bantos e dos povos indígenas. A mestra apresenta e promove palestras, cursos e oficinas para os moradores do quilombo, dando visibilidade à comunidade através da Festa do Coco.



Figura 2: Mestra Ana do Coco lecionando na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Albino Pimentel, Guruji/Conde. 2018. Acervo pessoal da Mestra.

Com o Prêmio de Cultura Viva (MINC), recebido em 2010, Mestra Ana e seu grupo Coco de Roda Novo Quilombo construíram o pavilhão da hoje célebre Festa do Coco. Desde então, realizam todo último sábado de cada mês, no Quilombo Ipiranga, a festa que recebe mais de 500 visitantes mensalmente². Segundo Mestra Ana, a hoje famosa Festa do Coco tornou a comunidade reconhecida como o berço da Cultura do Coco. A festa é um grande incentivo não só para manter viva a brincadeira na comunidade, mas também, para que outros grupos tradicionais possam mostrar suas tradições³. Recentemente, o grupo Coco de Roda Novo Quilombo teve que sair do antigo pavilhão localizado em terras da família de Mestra Ana. Por disputas pessoais e por preconceito, alguns familiares não quiseram que a festa continuasse nas terras da família. Porém, está em fase de

² A realização da festa só foi interrompida em março de 2020

³ Já se apresentaram mais de 100 atrações de todo o Brasil no antigo pavilhão do Novo Quilombo.

planejamento a construção do novo pavilhão em terras doadas por uma amiga da Mestra.



Figura 3: Projeto do novo Pavilhão do Coco



Figura 4: Projeto do novo Pavilhão do Coco

É também na luta por terras nos quilombos Ipiranga/Guruji que Mestra Ana, que já chegou a ter o nome na lista de morte de um latifundiário, cumpriu um papel fundamental. O conflito na Fazenda Guruji (Conde), em 1982, localizada no município do Conde, teve início quando o proprietário Nelson Pimentel arrendou o imóvel para o senhor conhecido como Biu Mariano, tio de Zequinha, o então proprietário das terras. O novo rendeiro, com o apoio do prefeito do município Aluísio Régis, passou a intimidar e destruir as roças de aproximadamente 90 famílias que viviam e plantavam no local, há mais de cem anos, em regime de

*cambão*⁴. A comunidade decidiu denunciar a ação do rendeiro e pedir apoio ao então Padre da Paróquia, Frei Domingos, que, por sua vez, procurou o apoio da Pastoral Rural através de Frei Anastácio. Para impedir a organização dos camponeses e camponesas, o rendeiro resolveu contratar capangas, que além de intimidarem e amedrontarem as famílias, destruíram a sede da associação de Guruji.

Outro crime, desta vez ainda mais perverso e brutal, ocorreu no dia 28 de dezembro de 1988. O fazendeiro arrendatário mandou matar uma das lideranças da comunidade, o camponês José Avelino. Naquele dia, Zé de Lela, como era conhecido na comunidade, havia chegado de uma reunião em João Pessoa com outros camponeses. Jantou por volta das 18h e sentou-se em frente ao portão do seu casebre, quando foi alvejado por um tiro de espingarda calibre 12. Três meses após o assassinato do camponês Zé de Lela, mais precisamente no dia 30 de março de 1989, um dos capangas da fazenda, Severino Mariano, atropelou um grupo de camponeses que estava em frente ao Fórum do município de Alhandra para participar da audiência sobre o assassinato do trabalhador rural. Na ocasião, 28 pessoas ficaram feridas e uma camponesa, Severina Rodrigues, conhecida como Dona Bila, foi morta. Bila era do Quilombo do Ipiranga. Meses depois dessa chacina, o assassino de Dona Bila falou que a matou pensando que era a Mestra Ana do Coco. Esse episódio ficou conhecido como "Chacina de Alhandra".

Zé Silva, novembro de 2020

Apresentação da Mestra Ana do Coco⁵

Eu sou Ana Lúcia Rodrigues do Nascimento. Eu já fui Ana de tantos sobrenomes, né... Ana da CPT, Ana do PT, Ana dos Sem Terra e hoje sou Ana do Coco. Amanhã não sei que Ana serei. Mas, muita luta! Sou filha da Mestra Lenita, que faleceu em 2015, e que aos 25 anos de idade se apaixonou por um branco que veio de Caaporã, Pedro Rodrigues, morar aqui na comunidade junto com os pais. E aí desse romance ela engravidou e começou aquele apherreio, né!? Porque estava grávida mesmo sendo só namorada dele e aí chegou ao ponto de comunicar para ele que estava grávida, né!? E ele simplesmente mandou que ela se virasse que ele não tinha nada a ver com isso. Então ela começou naquele estágio de loucura que toda mulher fica quando engravida e o pai não quer assumir. Então, as amigas começaram a ensinar ela a tomar abortivos, para que expulsasse a criança. Ela me contava que não teve tipo de abortivo que ela não tomasse e eu não nasci no tempo errado, mas sim quando ela completou os nove meses. Meu avô ainda disse a ela, quando ela não conseguiu expulsar a criança, que era eu, para que ela desce

⁴ Regime de cambão é um "sistema muito antigo, mas ainda vigente, através do qual proprietários nordestinos da zona canavieira pagam seus trabalhadores rurais com simples vales, ao invés de moeda corrente. Tais vales eram aceitos nos barracões dos engenhos e das usinas, obrigando os trabalhadores a somente poderem utilizar seu valor nestes barracões" (BARBALHO, 1984, p. 404).

⁵ O texto que segue foi transcrito e editado a partir do [vídeo da aula remota de Mestra Ana](#), realizada no dia 26/06/2020, dentro da disciplina ministrada pelo Prof. Chico Santana, "Metodologia de Ensino de Música III", no Departamento de Educação Musical da Universidade Federal da Paraíba, e como parte do projeto [Saberes em Roda](#) da UFPB.

a criança na maternidade que ela podia voltar para casa. Então ela optou por não dar criança e voltou para casa e meu avô a expulsou de casa. Ela começou a viver como andarilha na casa de um, na casa de outro e eu fui crescendo. Depois de 5 anos de idade, eles, meus avós, resolveram pedir a minha mãe para me criar. Ela vivia em condições precárias, já tinha mais dois filhos de um outro casamento. Fui morar com meus avós, e passei de uma vida bem precária para uma vida bem melhor. Minha avó era professora e meu avô era agricultor, mas plantava e tinha uma condição de vida melhor. Eu me dediquei o tempo todo aos estudos. Então, aos onze anos, quando terminei o primário, meu tio me levou para estudar no Rio de Janeiro.

O Coco de roda e a luta por terras na Paraíba

Eu fui morar na casa dele, fiquei até os 18 anos e quando eu cheguei aqui, em 1980, com 18 anos de idade, tinha estourado a luta de Gurugi 1⁶. Minha mãe era uma das fundadoras da pastoral da terra, que na época era Pastoral Rural, e eu sempre a acompanhava nessas lutas. Dentro de um acampamento, em Gurugi, uma ou duas pessoas cantavam coco, dançavam coco, tocavam nas latas e o quê encontravam faziam um instrumento. Foi a minha primeira experiência com coco de roda. Uma cena que eu vi, eram os mais velhos cantando um coco e as crianças, sem que ninguém ensinasse, fizeram um tapete humano na frente desses tratores e eu fiquei encantada com a força daquele povo. Para mim era uma coisa nova. Porque eu fui com 11 anos para o Rio e voltei já jovem e vi o quanto o meu povo era forte. Aí já me engajei na luta cantando! Na época, a gente não tinha o grupo de coco ainda, mas eu tive essa experiência com o coco de roda.

E aí foi quando a gente se reuniu e resolveu retomar essa cultura que vivia adormecida. A minha mãe cantava e achavam que eu tinha uma voz bonita e me chamaram para ajudar a cantar com ela. Com um certo tempo eu virei contra mestra de coco. Quando a minha mãe faleceu, me transformei em mestra, mas para isso acontecer eu tive que perder meu bem mais precioso.

Lutas por terras no Ipiranga

O Ipiranga ela foi uma comunidade que a gente precisa ainda descobrir muito sobre o Ipiranga. Mas o que meus avós contam é que a mãe da minha avó já nasceu aqui nesse lugar e eles eram sete famílias de negros que trabalhavam aqui na terra e eles chamavam de “ticuca”. “Ticuca” eram sete dias de trabalho na

⁶ Mestra Ana nos ensinou (Grupo de Estudos Coco Acauã) um coco que era cantado por outra grande referência na luta por terras na Paraíba: Elizabeth Teixeira. A mãe da Mestra Ana, Mestra Lenita, acompanhava as lutas por terras em Sapé, na Fazenda Antas, onde cantavam esse Coco.

O coco era: “E olha o coco, estabílo, bílo, bílo, ô lelê.../ E olha o coco estabílo, bílo, bá. / Minha senhora, por que chora esse menino? / Chora de barriga cheia com vontade de mamar / Minha senhora, por que chora esse menino? / Chora de barriga cheia com vontade de apanhar... / E o olha o coco, estabílo...”

Elizabeth Teixeira cantava esse coco com seus filhos quando a polícia batia à porta de sua casa ameaçando invadi-la. A história de Elizabeth já é bastante conhecida por sua luta pelo direito à terra através das ligas camponesas e pelo clássico filme “Cabra Marcado Pra Morrer”, do diretor Eduardo Coutinho, que conta toda história de luta e resistência dessa heroína paraibana.

semana, era 5x2: cinco dias para o dono e dois dias pra família. Com esses dias de trabalho eles iam pagando o valor da propriedade e também pagavam de várias outras formas: com dinheiro, com produto agrícola, com farinha e uma série de coisas que eles produziam no quilombo. Então, todos eles aqui têm o título de posse da terra que antigamente era um título comum para todos. Um padre Franciscano, que eu não lembro do nome dele agora, veio para cá trabalhar aqui na Freguesia e ele levou esse título de posse que minha avó dizia que tinha o símbolo da coroa real de Dom Pedro e levou para desmembrar e trazer os documentos individuais e esse Padre sumiu com esse documento. Quando veio o projeto das casas pelo governo Lula, houve a necessidade de que cada um tivesse o seu título de posse. E aí a INTERPA⁷ entrou no caso e fez esse título individual. No nosso caso aqui foi operação inversa, porque hoje a gente precisa desse título comum para que o quilombo seja certificado, mas a gente percebe que as pessoas não querem mais que o título volte a ser comum, preferem que fique como individual. Então, no nosso caso, a operação foi feita inversa, mas nós todos temos o título de posse da terra e nunca houve conflito aqui. Agora nossa terra era imensamente grande, mas foram grilando, grilando, grilando e hoje a gente tem menos da metade do que era o quilombo.

O que é e como funciona a brincadeira do coco de roda

O nosso coco é o que a gente chama “coco de umbigada”. É aquele coco que é feito a roda e ficam dois disputando no meio da roda; para ver quem dança melhor, para fazer aquele jogo de sedução, de amostramento. Então, é uma dança onde as pessoas antigamente, até na época do Mestre Luiz de França⁸, eu o chamava de papai Luís; eu fui criada junto com a filha dele, quando ela dava benção eu dava também; por isso fiquei chamando-o de papai Luiz. Então, a gente estava dançando o coco e cantando e ele saía com o ganzá, se afastava uns 2/3 metros e quando voltava já era dizendo: “A resposta do Coco é essa”. Ele já tinha feito aquele coco. Então às vezes era um coco sobre a história da comunidade, uma graça que alguém fez, uma história de um casamento de um noivado. Então era como ele fazia e eu achava aquilo muito interessante. Hoje a gente senta e pega um caderno, canta um verso, canta outro e monta. Antigamente não! Eles tiravam na hora da cachola, do quengo. Então é um coco que é basicamente assim.

⁷ Instituto de Terras e Planejamento Agrícola do Estado da Paraíba.

⁸ Mestre Luiz de França é conhecido nos quilombos do Ipiranga e Guruji como “O Professor”. Ensinou coco de roda e ciranda a várias pessoas. Existem alguns cocos que exaltam sua memória, importância e resguardam seu legado através da oralidade. Alguns cocos em homenagem ao Mestre Luiz de França:

1) Pergunta: Professor Luís de França / Quem me dera você ver / Aqui tem quem lhe imite / Mas não tem como você

Resposta: Vocês ajeitem o bombo / E não parem de brincar / Quando eu não existir / Botem outro em meu lugar

2) Pergunta: Vem cá Luiz / Ô que saudade vem cá

Resposta: Tu não pode brincar coco / Vem ao menos me ensinar

3) Pergunta: Luiz de França / Se você tá me escutando / Seu Zabumba tá tocando / Pinheiro quem consertou

Resposta: O som é bom / Do bombo que eu preparei / Esse zabumba eu deixei / Meu filho foi quem herdou.

(Esse coco foi tirado por Marcus de França, filho do Mestre Luiz de França).

Eu tenho dificuldades, não sei se é porque eu tenho diabetes ou certas doenças que vai prejudicando a nossa mente, e aí eu não tenho essa facilidade de gravar os cocos. Minha Mãe cantava três dias de coco e não repetia um coco. Tem que ter a colinha senão eu não consigo, mas ela viveu a vida dela toda fazendo isso. É uma dança que a gente acredita ser de origem africana e que eu acho fascinante, sou apaixonada. Porque ela é uma dança que enfeitiça as pessoas. Eu não esqueço nunca de uma vez que a gente estava dançando na lagoa e ia passando um rapaz, ele ainda um pouco jovem, paletó, gravata e uma pasta na mão. De repente ele joga a pasta e o paletó e dança no meio na roda e depois olha pra gente e diz “Eu hein” e foi embora. Então tem um certo feitiço no coco de roda. Então deve ser isso.



Foto 5: Coco de Roda Novo Quilombo. Autoria desconhecida.

Instrumentos, dança e a “tiragem” do coco

Os instrumentos são também essa coisa incrível. Eu costumo dizer que o bombo e a caixa, funcionam como um encantamento do coco de roda. Porque dentro do bombo tem uma peça chamada “alma” que é o que segura à estrutura do bombo e tem os couros dos animais que foram tirados pra colocar nesse instrumento, que tinham alma também. Então, é alma, é pulsação, é vida, né... Essa magia dos instrumentos. E o bombo antigamente era feito um lado couro de cabra e o outro couro de bode. Um dava com grave e o outro com agudo. Hoje não, a gente não sabe por que não tem mais esse cuidado. Vem com o couro pronto. Mas antigamente os mestres diziam que um lado tem que ser couro de cabra e o outro couro de bode para dar esse som diferenciado. E quem toca! Tem o zabumbeiro e tem os que tocam a caixa. Eu, particularmente, arranho, não sei

tocar. Mas são sons incríveis que a gente fica tudo fascinado quando escuta. Eu mesma, começo no dia da festa do coco, às 5 horas da manhã, indo pra feira comprar as coisas, pra fazer as comidas. Quando dá 5 horas da tarde eu já estou quase não aguentando, e digo que não vou aguentar essa festa. Minhas pernas não aguentam estou cansada. E quando o bombo começa a tocar, eu não sei pra onde vai o cansaço, mas eu vou até 5 da manhã do outro dia. Deve ter muita magia nesses instrumentos. É a caixa, bombo e o ganzá. O bombo e a caixa, bem artesanais, que eram feitos pelos mestres antigos. Mestre Cícero de Várzea Nova, Seu Jorge de Forte Velho e hoje a gente já tem pessoas que se dedicam totalmente a isso. Um atelier que faz em série, às vezes do mesmo jeito. Antigamente não, cada bombo era peça única.

O coco de roda Novo Quilombo e a festa do coco no Ipiranga

A festa do coco de roda surgiu justamente nesse tempo de 1980, pela necessidade dessa cultura voltar. Os mestres, a gente conversava com eles e víamos os olhos deles cheios de água quando falava sobre o coco de roda. E aí a gente começou a se conversar e se articular, os filhos do mestre João Rodrigues, lá de Guruji, os filhos do Mestre João Henrique, os filhos de Joana Calixto e de Zé Cocó. Então, começamos a conversar com eles e diziam “ah, se voltasse a festa do coco”, “ah, a festa do coco é tão bonita”. Não tínhamos os instrumentos, mas tocávamos com lata de querosene e o ganzá era lata de óleo de comida, naquela época era lata de óleo. Começamos com o grupo brincando na casa de um e na casa de outro. Mestre Luiz de França ainda era vivo e foi passando as técnicas para os mais jovens e aí a gente começou a trabalhar com esse pessoal. Na época, só tinha uma criança que era Luciene, que tinha seis anos de idade e dançava muito bem. O resto já era tudo bem maduro. Tinha eu e meu irmão Janduí que era um pouco mais jovem, mas os outros já eram maduros. Os jovens ficavam de fora olhando e não queriam participar da brincadeira.

Aí a gente começou a brincar na comunidade, fazia uma festa de São João e São Pedro. Às vezes, na festa de São Sebastião, que é o padroeiro de Guruji. Um dia apareceu a professora Ignez Ayala e começou a pesquisar nosso grupo e começou a levar o grupo para apresentações fora daqui da comunidade. A gente foi se apresentar em João Pessoa em vários lugares e na lagoa. Lembro que uma vez a gente foi se apresentar no Shopping Manaira e quando chegou lá, a gente dança descalço né, quando chegou lá que a gente tirou a sandália pra dançar o guarda veio e disse “não, você não pode tirar a sandália, tem que calçar”. Ficou aquele impasse... Quer saber, pega as coisas e vamos embora! Aí conversaram lá com o gerente do shopping e ele aceitou que a gente brincasse descalço, que é uma das características do grupo, a gente não dança calçado. As calças dos homens imitam os escravos na lavoura da cana e as mulheres as saias. Quanto mais floridas e grandes melhor. Então, começamos a brincar e depois de mais de 10 anos de apresentações em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Bahia, Recife e Campina Grande surgiu aquela preocupação de como era que a gente ia passar essa cultura à frente se a gente não brincava na comunidade. Então, a gente começou a brincar na comunidade, fizemos a festa do coco na comunidade e eu

lembro que a primeira vez que a gente foi brincar a gente já tinha essas roupas, que eram essa blusa com as saias e os homens a calça e a blusa. O povo da comunidade ficava olhando, mas ninguém entrava e a gente sabia que ali tinham mestres, que cantava, tirava coco e tocava... Mas ninguém entrou para dançar e eu perguntava para eles “porque vocês não entram”? E eles diziam: não a gente não tem farda. Então, eu disse: pessoal a gente tá fazendo errado, a gente tem que brincar sem a roupa do corpo. E aí, começamos a brincar sem as roupas, só com as saias das mulheres e os homens com qualquer roupa e o pessoal começaram a entrar na roda. Tanto os mais velhos, como os jovens entravam e começavam a brincar. E aí a gente viu que a roupa estava inibindo eles. A festa foi crescendo, foi aparecendo grupos de cultura pra querer se apresentar com a gente e hoje acho que já passaram mais de 100 grupos por essa festa. O interessante é que o nosso quilombo era uma coisa tão escondidinha que ninguém sabia onde era o Ipiranga. Quando perguntavam a gente de onde somos, respondíamos que éramos do Guruji, e aí ficou “Coco do Guruji”. Só que a maioria dos componentes era do Ipiranga. Depois da festa do coco na comunidade, o Ipiranga passou a ser mais conhecido do que o Guruji. Então, a festa trouxe esse reconhecimento do Ipiranga como quilombo e como um lugar de cultura.

“Cultura não morre, ela adormece”

Eu me lembro que papai Luiz, nos anos de 1980, já não brincava e já fazia muitos anos. Tinha o Mestre Zé Cocó, o Mestre Zé Maria, Mestra Joana Calixta, Luiz de França e João Sapo. Eram muitos mestres que já estavam bem velhinhos e que não brincavam há mais de 20 anos. O coco ficou parado dos anos de 1960 aos anos 1980, justamente no período da ditadura militar. O coco era como a capoeira, era dança de vagabundo né...

Aí passaram a participar, hoje a gente começa a festa do coco e quando toca os instrumentos as crianças são as que primeiro chegam e que saem por último. Eu lembro que Ismael, hoje está com 10 anos, ele com dois anos de idade, o avô (Janduí) tocava o bombo e ele dizia “cilanda” e quando meu irmão tocava coco, ele dizia “coco”. Com dois anos de idade ele já sabia distinguir coco e ciranda. Hoje ele toca coco, toca ciranda, canta e dança. É um mestre já. A gente não ensaia com as crianças, a festa do coco funciona como uma oficina nata. Tem crianças que saem do colo da mãe, bota no chão e ela já começa a andar se mexendo ali, dançando coco. Então é uma coisa que vem no sangue.

Protagonismo das mulheres no coco de roda

Desde que o coco teve essa retomada, a gente teve a Mestra Dona Lenita como a mestra que ia pras escolas, que ensinava. Ela chegou até a ser incluída como mestra griô, que é um título que é dado, que é vitalício. Depois de um ano eu soube que ela foi retirada desse título, que foi repassado pra... eu não lembro o nome dela. E foi uma coisa que foi feita indevidamente. Mas aí ela continuou aqui na comunidade indo pras escolas, a gente ia pra escola, a gente ensinava... é tanto que na escola de ensino fundamental I tem o Projeto Clamores Antigos, que

a gente passou mais de ano ensinando aquelas crianças. Depois o professor Manoel assumiu esse projeto e aí uma criança já ia ensinando pra outra. Quando aquelas crianças já estavam ficando bem práticas, a gente já trazia elas para o grupo. E a gente vê que a maioria das mulheres, hoje são... quem dança coco na maioria das vezes é mulher, mas os tocadores já são mais homens. E a gente percebe pela letra do coco que antigamente os mestres eram mais homens, porque a maioria das letras de coco são feitas para as mulheres... é difícil você encontrar uma letra de coco feita para um homem. Tem uma que eu lembro: *“É às de ouro, Manuel / É às de prata, Manuel / Esses seus olhos, Manuel / É que me mata, Manuel”*

Mas é muito raro encontrar uma letra de coco que fale de homem! Então isso prova que quem cantava eram os homens, né. Mas hoje você vê que as mulheres estão tomando essa força, a maioria dos cocos de roda hoje são geridos por mulheres. E aqui no grupo eu estou muito contente... infelizmente veio essa pandemia que desmanchou tudo, mas as mulheres do coco, as mais jovens decidiram que vão aprender a tocar coco, tocar os instrumentos. Então, eu fiquei muito feliz porque era o que faltava. Eu acho lindo o grupo. É muito raro se ver mulheres tocando. Então, a gente vê lá em Barra de Camaratuba, acho que uma mulher só, então é muito difícil. Elas tomaram essa iniciativa eu fiquei muito contente, mas veio essa pandemia que atrapalhou tudo.

Relação do coco com religiões católicas e a Jurema Sagrada

A religião, a gente... eu sou uma pessoa que quando me perguntam qual a minha religião, eu digo que acredito em Deus, certo? Porque eu acho Deus em todo canto que eu vou. E eu já fui em muitas festas de terreiro, festas da jurema e é interessante que lá são cantadas músicas do coco. Então, isso tem uma proximidade muito grande; as roupas são idênticas, as músicas são idênticas, os toques são idênticos, com algumas alterações, o ilú toca diferente do bombo. Mas a gente acredita que vem dela. E muita gente confunde. Diz assim... “isso é macumba! Não vou dançar isso não que isso é macumba.” Mal sabem eles que macumba é um instrumento musical. Mas eu acredito que tem muito a ver.

Legado africano e indígena no coco de roda da Paraíba

O nosso quilombo é muito misturado, os índios tabajara, os potiguaras, é muito misturado; aqui tem os caboclos, tem as famílias dos caboclos que moram aqui no quilombo, que é a mistura do índio com o negro. Então tem essa coisa também. A gente acredita fielmente que tem toda essa mistura⁹. Eu não tenho

⁹ As danças indígenas já utilizavam a roda como forma da organização seja nas suas brincadeiras ou nos rituais religiosos, porém não era característica dos brasileiros a utilização da umbigada e de pessoas dançando no meio das rodas (Casculo, 1965, p. 132). Dentro do Coco de Roda indígena do litoral norte da Paraíba, essa afirmação de Câmara Casculo faz sentido. Nas minhas experiências com os grupos da Aldeia Laranjeira e Aldeia Cumarú (Ambos do município de Baía da Traição) e o Coco de Roda da Barra de Camaratuba (localizado fora do terras indígenas, porém com integrantes que moram nas aldeias ou são descendentes dos povos potiguaras), percebi que eles seguem um mesmo padrão de dança, mas sem um par/casal no meio da roda para realizar a umbigada. Por

muito contato com os outros grupos de coco, por exemplo, sei que tem um lá na aldeia São Francisco, o Cumaru, que é totalmente indígena. Mas eu acredito que faz mais de 20 anos que eu vi esse grupo dançar, e eu lembro da forma como eles dançam. Então eu não tenho muito essa aproximação com grupos de coco indígena, aí não sei nem te dizer essa diferença basicamente; por exemplo, isso eu estou falando na Paraíba, viu? Pode ser que os outros estados tenham mais. Não sei, mas na Paraíba a maioria dos cocos são africanizados, um povo negro, eu digo pela visibilidade, mas pela visibilidade é mais população negra.

Momentos da brincadeira do coco de roda

Hoje o coco é quando dá vontade. A gente só não faz coco no natal e no ano novo porque não tem nada a ver. Mas, antigamente, era uma dança que era só no São João, São Pedro, Santana, casamento, batizado e pronto; para essas épocas. E acontecia remotamente, mas quando acontecia eram 3 dias de coco sem parar. E tinha aqueles cocos que parava de tocar de cantar e a pessoa dizia “vou embora!” aí quando começava a cantar os cocos chamava o povo de volta de novo e aí eram três dias nessa brincadeira, hoje em dia a gente brinca uma noite e já está se acabando.

Origem do nome coco

O coco tem duas origens. Antigamente... minha tia conta até hoje, minha mãe contava, meu avô Zé Pequeno, que nas colheitas de coco, aqui nós tínhamos a fazenda Baraúna, que era a fazenda do Almir Correia com a Geranil Lundgren, que contratava centenas de trabalhadores pra passar a semana tirando coco e traçando o coco. E nessa tiragem de coco as pessoas cantavam muito coco de roda e também pelo fato da música ser feita no improviso tirada da cabeça, do coco, do quengo né. Eu tenho essas duas linhas de pensamento, o coco por conta da colheita do coco e também do improviso tirado da cachola.

Principais características do coco de roda na Paraíba

O coco paraibano¹⁰ eu estou tendo a oportunidade, eu me agarrei a esses meninos aí do Acauã... Meu amigo, eu estou conhecendo cada grupo de coco

exemplo, no Coco da Barra de Camaratuba, uma única pessoa vai para o centro da roda, dança e, logo após, chama outra para entrar, e assim por diante. Em alguns registros das Missões de Pesquisas Folclóricas de 1938, que filmaram o coco de roda na Baía da Traição, é possível perceber que esse padrão, hoje feito pelo coco de roda da Barra de Bamaratuba, é tradicional e que, além disso, o zabumbeiro e o tocador de gaita (flauta indígena) também dançavam no meio da roda em determinado momento da brincadeira. O Mestre Miguel do Coco de Roda Potiguara Flor de Laranjeira afirmou recentemente, durante [live do Saberes em Roda com o grupo](#), que a umbigada é questão de querer fazer ou não dentro do que ele aprendeu e vivenciou. Sendo assim, podemos entender que a umbigada não influencia tanto na brincadeira dos cocos indígenas do litoral norte paraibano. Diferentemente dos cocos de roda mais africanos que encontramos no litoral sul e em outras regiões do estado em que a umbigada é parte essencial dentro da roda do coco.

¹⁰ O Coco de Roda na Paraíba é disseminado por todas as regiões do estado. Cada grupo, mestra ou mestre tem suas próprias características e especificidades seja no canto, toque ou na dança.

incrível que eu nem sonhava que existia, mas tem uma variedade grande, viu! O jeito de dançar e o toque são bem aparecidos, mas o jeito de dançar, por exemplo, o coco de Queimadas, gente, aquilo é incrível. Tem uma influência grande de Pernambuco, o coco de Mauguio, eu acho que é isso como eles chamam; e um instrumento só, eles tocam só o bombo. Eu achei incrível também, ele canta com o microfone na mão e toca com uma mão só. Achei aquilo incrível e o jeito que eles dançam totalmente diferente do nosso. Então, tem uma variedade de coco grande na Paraíba, né! Mas eu acredito que o coco de umbigada, ele tem mais grupo que dançam desse jeito, como Cabedelo, ele é incrível! O Coco de Barra de Camaratuba, que eles entram de um em um na roda, não tem aquela disputa dos dois na roda. O Coco de Jacumã, eles dançam virando um para o outro. Então, cada um tem seu jeito de ser, de manejo, como dizia minha Mãe: Cada coco tem seu manejo. E a gente ver que tem o coco da roxa, o coco praiêro, coco de cacete, coco de umbigada. Então, tem uma variedade grande aqui na Paraíba.

A gente está nessa disciplina de metodologia de ensino da música, então, acho que uma das coisas que é mais interessante pensar, pra quem for professor de música no futuro, é pensar em como se aprende e como se ensina o coco que é diferente daqui da universidade que vai ler pra aprender.

A transmissão de saberes às novas gerações

Aqui é uma coisa bem interessante. Fabinho começou com 6 anos de idade, hoje ele tá com 16, tem 10 anos no coco e já compõe coco de roda, já canta; é uma coisa que a gente não tem muita dificuldade não porque, sei lá, o tempo é quem ensina. Eu acho que Zé (Silva) e Arthur (Costa)¹¹ tão danados pra tirar coco de roda. Então é a prática que faz isso, é a prática. Eu fico pensando... tô martelando esses dias aqui que eu tenho que fazer um coco para quando voltar a gente botar para quebrar viu!? Aquele coco que faz fogo e aí tem que ter uma letra bonita e com a música bonita. Fabinho vem para gente pensar junto; então, ele escreve e na prática a gente vai aprendendo a fazer coco. A minha mãe já tinha essa facilidade, até um sonho que eu contava para ela, ela ficava por ali e quando era no outro dia, ela dizia: eu fiz um coco sobre aquele sonho. Ela tinha essa facilidade de memorizar as letras dos cocos. Eu já tenho um pouquinho de dificuldade mesmo porque eu desde criança que eu tenho problema de mentalizar as coisas, e aí tem que tá com a filhinha, que você começa a cantar; aí, atrás daquele já vem aquele outro; precisa dessa fila.

¹¹ Integrantes do Grupo de Estudos Coco Acauã.



Figura 6: Fabinho e Ismael cantando durante Festa do Coco no Quilombo do Ipiranga, 2015. Foto: Milena Medeiros.

A “pergunta e resposta” no coco de roda

Quando a gente canta o coco, quem é do grupo já sabe a resposta. Mas quem não é do grupo, quanto mais o povo responde mais o coco fica animado. Então, a gente tem que começar pela resposta para que o povo aprenda. Quando você faz a tiragem¹² que é como a gente chama, aí as pessoas já vão responder. Todo coco tem uma resposta. Geralmente minha mãe dizia assim: a resposta do coco. Aí cantava a resposta, os tocadores ficam parados e não tocam pras pessoas entenderem o que tão cantando. Aí, depois, quando vai fazer a tiragem e que eles pegam tocando. Minha mãe dizia assim: a resposta do coco! E aí cantava a resposta e os tocadores ficavam parados, escutando para aprender a resposta, só depois que ela vai fazer a tiragem. É um método de ensino: primeiro canta a resposta para todo mundo aprender e poder cantar.

“Coco de recado”

Coco de recado a gente tem alguns, por exemplo, a minha mãe estava na festa do coco, muita gente bebendo, muita gente dançando; muita gente antigamente não era como hoje que a gente compra o lanche do povo e bota no lugar reservado e vai mandando as pessoas virem. Geralmente os componentes do grupo queriam lanches, então, cada um leva um prato, um leva caranguejo, outro levava a galinha de capoeira, outro leva inhame e macaxeira, e bolacha, e

¹² Tiragem é a forma como se puxa um coco de roda ou uma ciranda, isso inclui a pergunta e a sofrá (melodia da voz).

café, suco e cachaça... o dono da Bodega dava cachaça e fazia comida que dava para o grupo lanchar e as pessoas de fora, aí o grupo também que a gente convidou para brincar. Tinha determinados momentos que a minha mãe cantava um determinado coco que eu sabia o que ela queria dizer. Tinha um coco que ela cantava que era do Quilombo do Ipiranga: *No quilombo do Ipiranga mangueira não bota mais/ mode a largata dandoca que sua fome é demais/ Eu vou chamar Jurandir para comprar formicida/ para matar a dandoca ô que largata atrevida.* E aí eu já me ligava, quando eu olhava para mesa do lanche estava o povo em cima comendo tudo e eu ia para lá dizer “pessoal, esse lanche aqui é do grupo que tá se apresentando”. Ela mandava aquele recado para mim e o outro era um de dizer assim *“bota barro na parede/ quero ver cair o pó/ aqui de dentro dessa sala/ quanto mais sério melhor”* aí eu já ficava ligada, era um alguém querendo brigar, era um bêbado caindo por cima do povo era algum rapaz com alguma mulher e aí eu já ia, tirava o bêbado no meio das pessoas e lá vai... então é um recado né? *“Qua ti lê lê/ Qua Qua/Cheguei agora/Um pé na meia/Outro de fora”* então ele quis dizer que estava desconfiado com alguma coisa que estava acontecendo ali. E esse coco a gente acreditava que eram os escravos mandando recado de um para o outro sem que o senhor de engenho entendesse o que eles estavam dizendo, né? E eles riam e achando que ele estava brincando, simplesmente cantando, sendo que ele estava mandando recado de um para o outro.

Cocos de alvorada

Eram cantados de manhã; a minha mãe quando queria acabar a festa ela tirava:

*o sol saiu
eu vou varrer a sala
quero ver a cara
de quem arrasta mala*

Esse coco é mesmo que jogar água fria no povo, vai tudo saindo de fininho e aí tem os cocos que animam e tem os cocos que desanimam. Alvorada é uma prática do povo do Mestre Zé Cutia que era o que eles faziam de madrugada, quando o dia já ia amanhecendo iam pro rio tomar banho e tocar ciranda a noite toda e as pessoas botando as comidas na janela e as bebidas, reforçando de novo e bebendo, e comendo, e ele tomava banho e voltava a dançar um bocado.

Ciranda

O coco de roda e a ciranda praticamente andam juntos, só que a gente aqui não gosta muito não, a gente canta quando alguém contrata o grupo e diz assim pra tocar, mas o negócio da gente é coco mesmo. Ciranda é mais coisa de praia, então se você chegar lá em Zé Cutia (mestre de Jacumã), eles gostam mais de ciranda.

Interferências externas na Festa do Coco

Incomoda, sabe... incomoda porque a gente quer ver as crianças, a gente quer ver os jovens, quer ver os idosos, mas Dona Zefinha de Muriçoca tem oitenta e tantos anos e tem hora que as pessoas estão empurrando a bichinha, sabe? As loucuras, todo mundo dançando a mesma coisa doida; e as meninas às vezes botam a saia na mão e já querem ir embora, pois as pessoas não deixam elas dançarem e tomam conta da roda. Então é isso, porque a festa é uma oficina, é vendo que eles vão aprender, então, achar que aquilo é normal, que o coco de roda é aquilo, aquela muvuca toda; eu digo “é coco de roda, pessoal, cadê a roda?”. Então, bate numa criança, bate no idoso, bate nos mestres que estão cantando. Um tempo desse, quase quebrava o meu dente... Então, tem que ter essa coisa do respeito pela roda. Então, nessa pergunta “qual a importância da roda?” porque é uma característica do grupo, do corpo, do jeito de dançar; é aquela roda dançando e depois dois (duas pessoas) indo para o meio da roda para fazer aquela disputa entre eles. E você quer ver a roda pegar fogo, aí é que a disputa fica bonita lá dentro, mas, se todo mundo dança ao mesmo tempo, a gente não vê essas coisas bonitas. Pra mim, a dança do coco, a coisa mais linda é quando a saia gira, né? duas mulheres ou uma mulher e um homem ou dois homens. Mas, se a gente não tem como perceber essa particularidade que é do novo quilombo... E aí, por exemplo, se vai para o palco se apresentar, já é diferente. Por essa questão que o Encontro de Coco¹³ teve que se criar uma comissão da roda e uma placa escrito “respeite a roda”, porque é muita questão de como se tornou o coco pernambucano, e como é muito forte, o pessoal acha que é a mesma coisa. Como ninguém presta atenção em nada, vai chegando achando que uma brincadeira de coco, que acontece em um palco, é a mesma coisa de uma brincadeira que acontece na comunidade, e não é; existe também a característica do coco paraibano. Então, acho que falta um pouco mais de sensibilidade, as pessoas chegarem naqueles que estão fazendo, para ver como é a coisa no local. A dificuldade que eu tive quando eu fui para Beth de Oxum e eu queria dançar, eu e minha menina querendo dançar, mas não podia porque era um em cima do outro; é aquela coisa maluca, todo mundo dançando ao mesmo tempo... é diferente de nosso aqui, bem diferente.

Brincadeira, apresentação e patrimonialização

A apresentação no quilombo é mais gostosa, porque ela é espontânea; não que as outras não sejam, mas é aquela coisa técnica, é tudo cronometrado; aquela

¹³ O Grupo de Estudos Coco Acauã, um coletivo formado para o fomento das culturas tradicionais paraibanas é o responsável pelo Encontro de Coco de Roda e Ciranda da Paraíba, em parceria com o Coco Novo Quilombo, e por diversas ações de incentivo ao coco de roda, ciranda e mazurca na Paraíba. Recentemente, conseguiram aprovar, o dia municipal do coco de roda e ciranda em João Pessoa, junto à Vereadora Sandra Marrocos, e o registro do coco de roda e ciranda como patrimônios imateriais em João Pessoa, em conjunto com o vereador Zezinho do Botafogo - marcos históricos para um estado tão negligente com a sua cultura negra, indígena e cigana. Através das mídias sociais da @FolgedosParaibanos e do canal de YouTube “[Cultura Paraibana](#)”, o grupo de estudos divulga na internet a produção da cultura popular tradicional feita no território paraibano.

coisa que às vezes a gente bota os tocadores e cantores lá em cima e os dançadores aqui embaixo, não faz conexão um com o outro, é uma loucura só. Mas a apresentação é muito legal muito bacana, mas tem umas que estressa sabe... um dia desses queriam que a gente fosse apresentar e eram 10 minutos de apresentação... gente pelo amor de Deus, só dá para formar roda, pera aí... o que é isso, 10 minutos de apresentação? Meu pai... não dá não!

Essa patrimonialização¹⁴ não pode tomar um cunho assim como se fosse show; o grupo tem que continuar a ser autônomo, tem que continuar a ser visto como um grupo de cultura popular tradicional. Porque, quando a gente vai para via do show, aí fica tudo muito mecanizado, sabe? muito maquiado... então eu tenho essa preocupação da gente não se perder na caminhada.

Questões financeiras e políticas públicas

A gente está há dez anos nessa caminhada de festa do coco na comunidade; e assim, passamos praticamente cinco anos pagando para fazer a festa. Quando a gente começou a festa do coco mesmo, a minha mãe ainda estava viva e a gente não tinha essa multidão toda. Não vinham muitos grupos para se apresentar na comunidade; então, a própria festa ficava aquela coisa mais simples. Quando ela tomou esse cunho de festa estadual, com 500 participantes por mês, a gente tinha 150 componentes dos grupos que iam se apresentar. Então, a gente tem que dar lanche para esses grupos, tem que ajudar no transporte; então, era muito comum as minhas meninas dizer “Pronto! Semana do Coco sai de perto dela.” Porque eu estava mal humorada, brigava com todo mundo. Até que a gente conseguiu uma Assessoria do SEBRAE com o Danilo Aguiar, e chegamos a essa conclusão de que desse jeito eu ia parar, porque não está tendo condições de a gente continuar com essa festa; porque eu estou botando do meu salário pra fazer a festa do Coco, isso não é não é viável. Mas aí chegamos à conclusão de que cobrando essa entrada de R\$ 5 (cinco reais) por pessoa não quilombola/visitante a gente teria uma fonte para tentar arcar com as despesas da festa. Na maioria das vezes entra dinheiro das biojóias; dinheiro das comidas que eu vendo. A gente combinou que os donos de barracas, cada um ia ajudar com R\$ 20 (vinte reais) por pessoa.

A gente não tinha nenhum retorno da gestão, por exemplo, mas por outro lado ela fez uma coisa que as outras não fizeram, que foi a gente receber cachê para se apresentar no município; como ele dizia “não é um cachê, é uma ajuda de custo.” Só que essa ajuda de custo, a gente rateava entre os componentes e, assim, a gente não ficava com uma reserva, ficava com caixa zero. No governo do Estado, a gente, durante 30 anos de caminhada, se apresentou eu acho que três vezes. Agora, na FUNJOPE, na época de seu Emilson, a gente fez muitas apresentações, mas sempre com essa consciência de não ter um fundo de reserva. Então, bombo, pagava para consertar; “tá faltando isso, Ana”, pagava para fazer; às vezes recebia depois de seis meses. Então, a gente gostaria que essa festa fosse reconhecida, como um ponto de cultura, onde a gente tivesse um momento pra que essa festa

¹⁴ Os redação e promulgação de leis e inventários municipais e estaduais para o registro e salvaguarda do Coco de Roda patrimônio imaterial na Paraíba estavam em trâmite em junho de 2020.

não se tornasse um prejuízo; e que eu pudesse dar uma ajuda a cada um dos meus mestres para eles trocarem a noite inteira; que eu pudesse dar uma roupa nova a cada seis meses; que pudesse comprar instrumentos novos; mas isso não acontece porque a gente não tem ainda esse reconhecimento financeiro, até esse momento não. Eu acho que faz uns dois anos ou mais que a gente não compra roupa para o grupo, então não existe isso. Então é isso, é muita dificuldade fazer cultura, não é brincadeira; e as pessoas ainda acham que os mestres ganham muito dinheiro, que os mestres recebem por tudo que faz. E tá vindo agora essas leis que estão aí né, esse auxílio da cultura; eu estou agoniada com isso porque eu acho que o bolo já tá sendo rasgado, sem a massa nem ter ido pro forno e é muita coisa, muita discussão. Mas aí vem uma deputada com esse papel realmente de ser madrinha desses grupos de transformar esse dia - Dia Municipal do Coco de Roda - como Estela¹⁵ quer fazer aqui no município. Eu acho que isso é muito importante pra gente, pra criar força, criar fôlego, ser mais visibilizado. As gestões têm esse dever de ter esses grupos, como grupos que fazem a alegria do Povo. E aí, a gente vê que ainda estão muito distantes da gente. Eu estou fazendo hoje a função que é da gestão, Prefeitura, de Governo do Estado, Secretaria de Cultura... sabe? quem tá fazendo são os mestres nessas comunidades e a gente sabe o quanto a gente rala pra fazer isso e pra não deixar a cultura morrer; a gente vive com a corda no pescoço todos os dias pra fazer com que essa cultura esteja aí gritando; todos os dias uma situação bem precária mesmo, vulnerável e descaso mesmo do poder público.

Finalização: derradêro coco

Então é isso, quero agradecer a vocês por essa oportunidade de estar aqui contando um pouco da nossa história, do nosso jeito de ser cultura e dizer que estou sempre à disposição de vocês e é isso.

*Estrela D'alva que no céu mais brilha
A noite é fria em Jerusalém*

*Esse é o derradeiro coco, lírio roxo
Eu me vou também.*

¹⁵ Estela Bezerra, deputada estadual da Paraíba.



©Milena Medeiros

Figura 7: Mestra Ana de punho erguido durante uma festa de coco, 2015. Foto: Milena Medeiros.

Referências Bibliográficas

BARBALHO, Nelson. **Dicionário do açúcar**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Ed. Massangana, 1984.

CASCUDO, Luís da C. **Made in Africa**. São Paulo: Global Editora, 2001.